

Olhares Plurais em Linguística Aplicada

Plural Views in Applied Linguistics

Marcel Alvaro de Amorim²

Palavras-chave:

Linguística Aplicada

Tradição Modernista

Posição “na fronteira”

Resumo

A Linguística Aplicada é, ainda, uma área recente de estudos das ciências humanas e sociais e, como toda área de produção de conhecimento, encontra-se em pleno processo de desenvolvimento epistemológico. Sendo um campo de estudos plural e heterogêneo, várias perspectivas do estudo da Linguística Aplicada coexistem, em nível mundial, produzindo os mais diferentes trabalhos e teorizações. No Brasil e em grande parte do mundo, uma parcela dos linguistas aplicados em exercício começaram a adentrar-se em novas possibilidades de, por meio de sua área de estudos, entender o mundo social no qual estão inseridos, afastando-se dos antigos paradigmas de pesquisa modernistas e voltando-se para a compreensão do cenário contemporâneo enquanto mestiço, híbrido e indisciplinar. O objetivo deste trabalho é, então, apresentar e analisar duas posturas diferentes adotadas por pesquisadores do campo da LA: a perspectiva modernista de pesquisa em LA e a visão da LA como uma área mestiça, INdisciplinar e “na fronteira”. Para tanto, utilizaremos como principais pressupostos teóricos os apontamentos de Moita Lopes (1996, 2004, 2007, 2008), Fabrício (2008) e Damianovic (2005).

Abstract

Applied Linguistics is, still, a recent area concerning the studies of the human and social sciences and, like any area that produces knowledge, finds itself in an ongoing process of epistemological development. Since it is a plural and heterogeneous field of studies, several perspectives of study from Applied Linguistics coexist, in worldwide level, producing the most different kinds of papers and theories. In Brazil and in great part of the world, a part of the applied linguistics at work have started to explore different possibilities through, by their field of studies, the understanding of the social world in which they are immersed in, distancing themselves from the ancient modernist paradigms of inquiry and returning to the comprehension of the contemporary scenario seen as mixed, hybrid and INdisciplinary. The objective of this work is, then, to present and analyze two different postures adopted by the researchers from the field of AL: the modernist perspective of inquiry in AL and the AL view as a mixed, INdisciplinary and “on the border” area. Thus, we will use as main theoretical assumptions the writings of Moita Lopes (1996, 2004, 2007, 2008), Fabrício (2008) and Damianovic (2005).

Key words:

Applied Linguistics

The modernist tradition

Position “on the border”

1. Introdução

“Viver nas fronteiras significa / usar Chile no borscht / comer tortillas de trigo integral, falar tex-mex com sotaque do Brooklin / ser

parado pela polícia da imigração nos postos da fronteira” (ANZALDÚA, 1987: 194-195).

“Aprendemos na cultura a olhar com desconfiança para as misturas, os cruzamentos,

¹ UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Mestrando em Letras (Linguística Aplicada)
UniFOA – Centro Universitário de Volta Redonda – Professor

Artigo
Original

Original
Paper

Cadernos UniFOA

edição n° 12, abril/2010

as metamorfoses e a diversidade; em razão disso, a pluralidade de referências costuma nos desconcertar.” (FABRÍCIO, 2008: 62).

“Em sociedades que se constituem cada vez mais de forma mestiça, nômade e híbrida, não seriam epistemologias de fronteiras essenciais para compreender tal mundo?” (MOITA LOPES, 2007: 11)

A Linguística Aplicada (LA) é um campo relativamente novo de investigação: tendo seus impulsos iniciais nos anos 1940, a LA passou, ao longo de sua história, por reformulações, (re)escrituras e novos questionamentos com o objetivo inicial de se consolidar como uma área relevante de produção do conhecimento e ter suas pesquisas legitimadas perante a comunidade acadêmica. Do foco na pesquisa da Aplicação Linguística ao ensino de línguas (Cf. Allen & Corder, 1973, 1974 e 1975; Allen e Davies, 1977), aos questionamentos sobre essa prática (Cf. Chomsky, 1971; Widdowson, 1979); da adoção de políticas interdisciplinares (Cf. Moita Lopes, 1996) à luta para, finalmente, se firmar como área de investigação independente dos conhecimentos advindos da Linguística enquanto “ciência-mãe” (Cf. Cavalcanti, 1986; Moita Lopes, 1996), passaram-se cerca de sessenta anos. Atualmente, tendo a LA já solidificada enquanto área de produção de conhecimento, o que resta para o linguista aplicado é indagar sobre os novos rumos possíveis para a área de investigação na qual está inserido, tema que é o ponto de partida desse minicurso que tem por objetivo apresentar e analisar duas posturas diferentes adotadas por pesquisadores do campo da LA: a perspectiva modernista de pesquisa em LA e a visão da LA como uma área mestiça, INdisciplinar e “na fronteira”.

2. Posições da Pesquisa em Linguística Aplicada: A Perspectiva Modernista e a Posição Indisciplinar

De acordo com Marcondes (2005: 139), o próprio conceito de modernidade já nos provoca questionamentos, o moderno remete ao “novo”, ao rompimento de tradições, implicando sentidos positivos – e, portanto, positivistas – de mudança, progresso e

transformação. Essa visão é uma das bases para o nascimento da ciência moderna que, segundo Rojo (apud. Damianovic, 2005: 185), é fundada em crenças positivistas e estruturalistas que acarretavam uma fé numa visão de linguagem apolítica e ahistórica; na tentativa de separação entre o sujeito e o objeto buscando, assim, uma noção de objetividade científica; numa visão da linguagem como sendo posterior ao pensamento e à experiência; na crença no projeto científico de produção de conhecimento, seus métodos e modelos; e, sobretudo, na fé nos princípios de racionalidade e verdade como de aplicabilidade universal.

A LA que se fundamentava nessas pressuposições era, então, uma LA autônoma, que buscava separar o sujeito do mundo em que está inserido, procurando garantir objetividade científica, acabando por situar tal sujeito no vácuo social (Moita Lopes, 2008a: 24). O sujeito-pesquisador, seguindo a perspectiva modernista de pesquisa em LA, é entendido como separado de seu objeto de estudo para que não o contamine, visão positivista do processo de construção do conhecimento (Moita Lopes, 2008b: 100). Nessa visão, o conhecimento não possui vínculos com o modo como as pessoas vivem, sofrem, se posicionam politicamente (Moita Lopes, 2008b: 87).

(...) a dicotomização entre o indivíduo e o que o cerca deixou de reconhecer que as relações de poder eram advindas tanto da cultura, quanto da forma de ensino-aprendizagem, por exemplo. (DAMIANOVIC, 2005; p. 183)

A noção de sujeito da modernidade, segundo Moita Lopes (2008b:100) era a de um indivíduo essencializado, sendo branco, homem, heterossexual de classe média. Um sujeito concebido como único e homogêneo – homogeneização que só é possível com o apagamento da sócio-história e do corpo de tal sujeito (Moita Lopes, 2008b: 102) – em áreas diversas do conhecimento como as Ciências Exatas, as Ciências da saúde, bem como no próprio campo das chamadas Humanidades. Para Hall (2005; p. 10-11)

[esse sujeito] estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das

capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

A modernidade trazia à tona, ainda, a visão da razão como imparcialidade. Só seria possível alcançar tal imparcialidade estando o pesquisador – ou o linguista aplicado – despido de emoções, desejos ou interesses, estando este “fora do mundo” (Rampton, 2008: 111). Assim, por meio da racionalidade, o pesquisador da modernidade poderia usar políticas sociais, tecnologias e novos avanços na ciência para melhorar a vida da população, visão absolutamente positivista do progresso científico. Os ideais para a pesquisa científica modernista seriam, então, a

(...) compreensão da razão como imparcialidade, estando aquele que usa da razão “separado de suas próprias emoções, desejos e interesses.... se abstraindo da situação concreta” (Frazer e Lacey, 1993: 48) (...-) uma visão a-histórica e “descorporificada” do indivíduo, visto como tendo uma “primazia moral... contra o clamor de qualquer coletividade social” (Gray, 1986: x) (...) uma convicção de que a realidade social pode ser conhecida e de que a política social e a tecnologia podem ser usadas para melhorar a pobreza, a infelicidade e outros males. (RAMPTON, 2008; p. 111)

A LA modernista não escapa dessa visão, caracterizando-se no Brasil, em meados das décadas de 1980 e 1990, e após a compreensão de que a linguagem é constitutiva da vida institucional (Moita Lopes, 2007: 07), como área de conhecimento que visava a resolução de problemas da prática de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso em um contexto social definido (Cf. Cavalvanti, 1986; Moita Lopes, 1996). Observamos aqui uma tendência positivista da LA ao assumir-se como uma área preocupada com a resolução de problemas, definindo-se, assim, como uma área solucionista das chamadas Ciências

Sociais – assim entendida por seu foco nos problemas da linguagem em uso no meio social -.

Hoje, acredita-se que o projeto da modernidade e, acrescento, o de uma LA que se baseia nos paradigmas modernistas para se firmar enquanto área de investigação científica, se revela, segundo Bhabha (1998: 329), por si só contraditório e irresolvido. As identidades estabilizadas estão em declínio, provocando o surgimento de novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, que até então era visto como unificado e homogêneo (HALL, 2005: 07). A chamada objetividade científica é, no atual rumo das pesquisas, considerado utópico, já que não há como distanciar o pesquisador – sempre posicionado no mundo em que atua e, com sua posição, construindo conjuntamente o conhecimento que produz (Moita Lopes, 2004: 165) – do objeto que pesquisa. Pautados nessas e em outras impossibilidades da pesquisa modernista, pesquisadores da área de LA no Brasil e no mundo têm almejado novas formas de se fazer pesquisa em Linguística Aplicada, trazendo o sujeito para dentro do campo de pesquisa, e mudando seu foco de área positivista concentrada na solução de problemas do uso da linguagem para uma área híbrida – inter/transdisciplinar – que almeja criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel determinante (Moita Lopes, 2008a: 14), propagando uma perspectiva mestiça ou INdisciplinar da LA na atualidade. Como ressalta Fabrício (2008), buscamos atualmente entender a

(...) LA como prática problematizadora, que, assumindo abertamente suas escolhas ideológicas, políticas, e éticas, submete a reexame e a estranhamento contínuos não só suas construções, como também os “vestígios” de práticas modernas, iluministas ou coloniais nelas presentes. (FABRÍCIO, 2008; p. 50-51)

É interessante reforçar a ideia de Moita Lopes (2008a: 14) de que o interesse desses que fazem a LA INdisciplinar não é renegar a LA como praticada anteriormente, mas sim propor mudanças possíveis, novas direções a se considerar. Não é do interesse desses pesquisadores fundar uma “nova escola” de

LA (Moita Lopes, 2008a: 15), e muito menos propor uma direção obrigatória a ser seguida. Resta-nos agora questionar: mas afinal, o que é a LA INdisciplinar?

É, primeiramente, um novo rumo em LA que pretende problematizar os ideais modernistas, questionando seus pressupostos e propondo novas epistemologias, novas formas de produzir o conhecimento. Ao perceber a forma simplista como a LA modernista – ou solucionista – tratava dos problemas relativos ao uso da linguagem que, seguindo os ideais de neutralidade e objetividade, apagava a complexidade das situações estudadas e as imbricações do sujeito nessas situações, a LA INdisciplinar propõe-se a pensar novas formas de construir conhecimento.

A noção da LA como um campo inter/transdisciplinar é central para o desenvolvimento desse modo de pensar a LA. Preocupados em teorizar onde as pessoas vivem e agem, as implicações das mudanças sócio culturais, políticas e históricas que tais pessoas experienciam (Moita Lopes, 2008a: 21), assim como em perceber o sujeito como heterogêneo e em constante transformação – o contrário do que almejava a pesquisa modernista – os pesquisadores da LA INdisciplinar lançam mão de leituras em outras áreas do saber, de diversos campos das ciências sociais e humanidades que, muitas vezes, apresentam melhores teorizações sobre o sujeito e sua construção identitária pelo discurso do que pesquisas em Linguística ou pesquisas em LA de cunho modernista que são contrárias ao reconhecimento da alteridade, das diferenças, etc...

Tais teorizações [das ciências sociais e das humanidades], como se verá, se prendem principalmente a compreensões referentes à natureza do sujeito social, advindas de uma problematização dos ideais modernistas, que tem implicações de natureza epistemológicas. (MOITA LOPES, 2008; p. 15) (...) Originária de um mundo que entendia a pesquisa como necessariamente positivista, a pesquisa em ciências sociais, hoje questiona as formas tradicionais de conhecimento e abre um leque muito grande de desenhos de pesquisa de natureza interpretativista (Moita Lopes,

1994) e de modos de construir conhecimento sobre a vida social. (MOITA LOPES, 2008; p. 25)

Como visto acima, a LA INdisciplinar, segundo Fabrício (2008a: 50-51), deve ser encarada como prática problematizadora que assume suas escolhas ideológicas, políticas e éticas, distanciando-se do ideal de objetivismo científico e neutralidade na produção do conhecimento das práticas modernas. Ao negar tais ideais, a LA INdisciplinar focaliza o sujeito, não como entidade racionalizada, mas como heterogêneo, dando voz, então, as margens do sistema globalizado, os olhares considerados subalternos (Fabrício, 2008:51), voltando sua atenção para diferentes construções identitárias de classe social, etnia, raça, gênero, sexualidade, nacionalidade etc. (Moita Lopes, 2008a: 27). O que a LA INdisciplinar pretende questionar é o sujeito neutro, sem gênero, raça ou sexualidade proveniente dos ideais modernistas.

É necessário perceber que toda e qualquer investigação científica começa com o investigador, presente e localizado, agindo ativamente na prática da pesquisa, estando conectado com o objeto – ou com os indivíduos pesquisados, esses também performando identidades – das mais diferentes formas (Smith apud. Pennycook, 2008: 80). Moita Lopes (2008b: 100) chama atenção para a necessidade de compreender que os pesquisadores estão diretamente relacionados no conhecimento que produzem e que os mesmos devem negar a “distância crítica” moderna e almejar uma “proximidade crítica”.

Os ideais de racionalidade e a compreensão de que os significados não são anteriores ao pensamento e ao discurso também são desconstruídos pela LA INdisciplinar. A linguagem deve ser focalizada como um produto humano e uma ferramenta social, sendo inseparável do ser humano enquanto sujeito subjetivo, emotivo e que habita um meio social.

O pesquisador da LA INdisciplinar deve compreender que não é possível despolitizar e tornar autônomo o conhecimento, assim como deve reconhecer a impossibilidade de apagar as diferenças que constituem o sujeito, conforme almejado nas práticas modernistas.

Os linguistas aplicados que atuam dessa maneira devem perceber a necessidade de olhar as relações de poder construídas na formação do sujeito no discurso e por meio dele (Cf. Moita Lopes, 2008; Bhabha, 1998). A LA INdisciplinar preocupa-se em re teorizar esse sujeito social enquanto heterogêneo, fluido e mutável e, para isso, lança mão de teorizações pós-modernas, pós-coloniais, antirracistas, queer, entre outras para dar conta da liquidez da identidade do sujeito agora em foco (Cf. Moita Lopes, 2008). Pois, para Hall (2005;p. 07) “(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado.”

3. Considerações Finais

Retomando a primeira epígrafe deste trabalho, da escritora Glória Anzaldúa – Chicana, lésbica e feminista – devemos pensar a LA INdisciplinar como uma área na fronteira e atenta a esse sujeito que, como a poetiza, vive nas margens da identidade homogênea modernista, em constante performance de identidades recorrentemente reconhecidas como subalternas ou marginalizadas. O Linguística Aplicado que pretende trabalhar com a perspectiva INdisciplinar deve olhar para as misturas, para as bordas, procurando nesses sujeitos novas formas de compreender o mundo, dando voz aos que não a tem, criando inteligibilidades sobre realidades que não a cêntrica.

4. Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera*. San Francisco: Aunt Lute Press, 1987.

ALLEN, J. P. B. & CORDER, S. P. (eds). *The Edinburg course in applied linguistics*. Volume 1. *Readings for applied linguistics*. Oxford: OUP, 1973.

ALLEN, J. P. B. & CORDER, S. P. (eds). *The Edinburg course in applied linguistics*. Volume

2. *Papers in applied linguistics*. Oxford: OUP, 1975.

ALLEN, J. P. B. & CORDER, S. P. (eds). *The edinburg course in applied linguistics*. Volume 3. *Techniques in applied linguistics*. Oxford: OUP, 1974.

ALLEN, J. P. B. & DAVIES, A. (eds). *The Edinburg course in applied linguistics*. Volume 4. *Testing and experimental methods*. Oxford: OUP, 1977.

BHABHA, H. K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CAVALCANTI, M. A propósito de lingüística aplicada. *Trabalhos em lingüística aplicada*, v. 7, n. 2, p. 5-12, 1986.

DAMIANOVIC, M. C. O lingüista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 181-196, jul./dez, 2005.

FABRÍCIO, B. F. F. Lingüística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Contemporaneidade e construção do conhecimento na área de estudos lingüísticos, *SCRIPTA - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras do Cespuc*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, v. 7, n. 14, pp. 159-171, 2004.

_____. Da aplicação lingüística à lingüística aplicada indisciplinar. *Palestra proferida na UFPB e UFG*. No prelo, 2007.

_____. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma lingüística aplicada indisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. Oficina de lingüística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como um lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma lingüística aplicada indisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008a.

RAMPTON, B. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em lingüística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma lingüística aplicada indisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

Endereço para Correspondência:

Marcel Alvaro de Amorim
marcel.amorim@foa.org.br

Rua Tenente Luiz Fernando, 271, aptº 101
Ano Bom – Barra Mansa/RJ
CEP: 27325770

Informações bibliográficas:

Conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), este texto científico publicado em periódico eletrônico deve ser citado da seguinte forma:
AMORIM, Marcel Alvaro de. Olhares Plurais em Linguística Aplicada. **Cadernos UniFOA**. Volta Redonda, ano V, n. 12, abril 2010.
Disponível em: <<http://www.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/12/81.pdf>>